

# Adenda mas não *Corrigenda* ao catálogo “Sócios portugueses da RSL”

A. E. Maia do Amaral<sup>1</sup>

## RESUMO

O nome de Gaspar de Meres (de Sousa), na qualidade de sócio da *Royal Society* de Londres, não foi lembrado no catálogo de uma exposição realizada pela Biblioteca Geral, em 2010. Este apontamento visa colmatar essa falta e passar em revista os critérios usados naquela ocasião.

## PALAVRAS-CHAVE

Sousa, Gaspar de Meres de, ca. 1640- ?

Royal Society of London, sócios portugueses

Universidade de Coimbra. Biblioteca Geral, catálogos

## ABSTRACT

When the General Library joined (2010) the commemorations of the 350 years of the Royal Society of London with an exhibition and catalogue, the name of Gaspar de Meres de Sousa was not included as one of the Portuguese Fellows. This article intends to correct that omission and to reevaluate the criteria then used.

---

1 Bibliotecário e Diretor-Adjunto da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra – [aemaia@bg.uc.pt](mailto:aemaia@bg.uc.pt)

**KEYWORDS**

Sousa, Gaspar de Meres de, ca. 1640- ?

Royal Society of London, Portuguese Fellows

University of Coimbra. General Library, catalogues

A Biblioteca Geral associou-se, em 2010, às comemorações dos 350 Anos de uma das mais antigas academias científicas com a realização de uma exposição sobre os “Sócios portugueses da Royal Society de Londres”. O catálogo dessa exposição, coordenado por Carlos Fiolhais e profusamente ilustrado, foi publicado em português e em inglês.

Como algumas vezes acontece, vieram a levantar-se problemas insuspeitados, nomeadamente com notícias de outros possíveis sócios portugueses daquela Academia. Fomos escrutinando todas essas informações e, de todas, parece-nos, que apenas terá realmente faltado o doutor Gaspar de Meres de Sousa. Ainda pensámos em fazer uma “Adenda” em encarte ao catálogo, que, entretanto, se acha esgotado. Não se justificando, assim, imprimi-la, julgámos que não ficaria mal dizer algo mais sobre a questão no nosso *Boletim*. Ampliando o que se disse no Catálogo, porém não corrigindo, que ainda não se detetaram erros (propriamente) no trabalho de 2010. Pudéssemos dizer o mesmo de todos os que fizemos ou em que colaborámos, como foi este o caso.

A recolha inicial foi feita pela bibliotecária Luliana Gonçalves e baseou-se no registo de *Fellows* disponibilizado pela própria RSL: coincide com a lista que já tinha sido elaborada por Rómulo de Carvalho, em 1955<sup>2</sup>. Seja pelo apelido insólito, de origem estrangeira, seja porque o nome nada lhe dizia na história da ciência

---

2 Como ele, lamentamos que a lista de sócios não incluía as nacionalidades, pelo que poderão ainda ser portugueses um José Inácio de Torres, médico, eleito em 7 dez. 1758, um Pedro de Ávila, eleito em 6 jun. 1775 e um José Barreto, eleito em 28 mai. 1818. Cf. Rómulo de Carvalho - Portugal nas ‘Philosophical Transactions’ nos séculos XVII e XVIII. “Revista Filosófica”. Coimbra, vol. [15] (mai. 1955), nota 17, p. 235.

portuguesa, o efêmero doutor de Coimbra também escapou àquele sério investigador.

Na lista para a exposição e catálogo originais, o critério da nacionalidade não foi assumido de forma restritiva. Incluímos, por exemplo, o jesuíta napolitano João Baptista Carbone porque foi em Portugal que desenvolveu o grosso da sua atividade científica. E de acordo com este critério, teríamos incluído de igual forma o paduano Domingos Vandelli<sup>3</sup> se, por via das relações que manteve com Sir Joseph Banks, que o ajudou em momentos críticos da vida<sup>4</sup>, tivesse ele chegado a ser membro da Sociedade a que este presidiu, de 1778 a 1820. Parece que não foi, apesar de já se ter escrito o contrário<sup>5</sup>.

Assumindo que, para fator de inclusão, mais do que a nacionalidade estrita, releva a vida pública realizada em Portugal ou ao serviço de Portugal, fora dele (como é o caso de Jacob de Castro Sarmiento e de outros "estrangeirados"), continuamos a entender que da lista dos sócios portugueses devem ficar excluídos vários luso-descendentes, na sua maioria judeus de origem portuguesa, cuja atividade (que lhes terá merecido a honra da eleição para a RSL) nada tem a ver com o nosso país. Encontram-se neste caso Anthony da Costa *aka*

---

3 *"Vandelli, em certos textos, mostra orgulho em ser português. A ciência, a economia, a agricultura, eram para ele uma questão de patriotismo. Naturalizou-se, o mais tardar, quando o nomearam deputado da Junta do Comércio, na qual não se admitiam estrangeiros"* (Maria Estela Guedes - Domingos Vandelli & Agostinho de Macedo: a propaganda anti-maçónica. [http://www.triplov.com/hist\\_fil\\_ciencia/vandelli/meg.html](http://www.triplov.com/hist_fil_ciencia/vandelli/meg.html). Public. orig. na revista "Sol XXI". Lisboa, 12 (1995) p. 3-10, com o título "Domingos Vandelli & Agostinho de Macedo").

4 Elementos da RSL terão ajudado a sair dos Açores, entre 1810 e 1811, os presos que (como Vandelli) possuíam alguma ligação com a Maçonaria. A relação entre Sir Joseph Banks e Vandelli pode ter começado em Lisboa, quando o jovem naturalista inglês ali passou 6 meses, em 1766 (cf. Ana Delicado (ed.) - *Associations and Other Groups in Science: An Historical and Contemporary Perspective*. Cambridge: Scholars Publishing, 2013. <http://www.cambridgescholars.com/download/sample/57909>) e manteve-se de forma epistolar ao longo das suas vidas.

5 *"Graças à interferência da Sociedade Real de Londres, da qual era membro..."* (Jorge Guimarães - *Vandelli, Domenico, 1735-1816* [em linha]. In: Biblioteca Digital de Botânica. Disponível em <http://bibdigital.bot.uc.pt/index.php?menu=9&language=eng&tabela=geral>. Consult. 7 jul. 2014).

Moisés Mendes da Costa (1667/9-1747), Joseph Salvador *aka* Joseph Jeshurun Rodrigues (fl. 1753-1771), Benjamim Oliveira, Sir Benjamin Fonseca Outram (1774-1866), Jonathan Pereira (1804-1853) e Edward Neville de Costa Andrade (1887-1971).

O sefardita Anthony da Costa pode até ter-se sentido intimamente bem português: nascido em Inglaterra, poucos anos depois do pai ter saído de Portugal, casou em primeiras núpcias com sua prima Catherine, filha do Dr. Fernão (ou António) Mendes, médico de Carlos II, e nascida no *entourage* da rainha D. Catarina de Bragança, em Somerset-House. No entanto, quanto à atividade que desenvolveu, toda a sua vida de próspero comerciante se fez em terras de Sua Majestade britânica, onde foi o primeiro judeu a chegar ao *Board* do Banco de Inglaterra. Entendemos, por isso, não o incluir, bem como ao seu sobrinho, a fascinante personagem do naturalista Emmanuel Mendes da Costa, *Fellow*, Secretário e bibliotecário da instituição, caído em desgraça. Londrino como o tio, só o avô do seu lado materno nasceu em Portugal, de onde emigrou, algures entre 1660 e 1665. Falava a língua “de tradição familiar” (mas não o suficiente para a correspondência científica), interessou-se pela sua genealogia lusa<sup>6</sup> e sepultou-se no cemitério judeu português de Mile End. São conhecidas as suas relações com portugueses, como Sachetti Barbosa, Jacob de Castro Sarmiento e João Jacinto de Magalhães, e forneceu ao Museu da Real Sociedade (e estudou) espécimes minerais da colónia brasileira, que só através de outros portugueses podia ter obtido. O caso deste académico encontra-se, podemos assim dizer, em território de fronteira. Talvez pudéssemos, igualmente, tê-lo incluído entre os portugueses.

Outro caso que mereceria especial atenção é o do negociante inglês, residente em Portugal, Daniel Sharpe (1806-1856). Foi eleito sócio

---

6 Apontamentos seus foram transcritos em: [The families of Mendes and Da Costa]. “The Gentleman’s Magazine and Historical Chronicle”. London, vol. 82 (1) jan. 1812, p. 21-24.

da RSL em 6 de junho de 1850, já membro da Sociedade Geológica de Londres, onde chegou a Presidente<sup>7</sup>. As notícias que apresentou àquela Sociedade, entre 1832 e 1853 sobre a geologia dos arredores do Porto, de Lisboa e do Buçaco e sobre os fósseis de Portugal<sup>8</sup> sem dificuldade levariam a que pudesse ser considerado o fundador da paleontologia portuguesa. Também herborizou e ajudou muitos ingleses a coletar herbários em Portugal.

Há, pelo menos, dois cientistas portugueses que não figuram nas listas da *Royal Society*, mas que são regularmente referidos na bibliografia portuguesa como seus Sócios: o Padre João de Loureiro, autor da importante *Flora Cochinchinensis*, e o matemático Leoniz de Pina de Mendonça.

\*

De João de Loureiro (1710?-1791), missionário, astrónomo amador, médico mas, sobretudo, botânico, diz-se que terá sido eleito durante a sua estadia na Ásia. Referem-no como *Fellow A. A.* Teixeira de Vasconcelos na revista *Ilustração* (1846), Bernardino António Gomes (filho) no *Elogio histórico*<sup>9</sup> proferido na Academia das Ciências de Lisboa (1865), Herculano de Amorim Ferreira, nas suas *Relações científicas entre Portugal e a Grã-Bretanha* (1943) ou, mais recentemente, o nosso estimado amigo Joaquim Fernandes, n’*O grande livro dos portugueses esquecidos* (2008). Também a página da Wikipedia em português, no momento em que escrevemos (junho de 2018), lá tem o *FRSL*.

7 Cf. R. Serpa Pinto – Daniel Sharpe e a geologia portuguesa. “Anais da Fac. Ciências”. Porto, 17, 1932.

8 Cf. H. de Amorim Ferreira - *Relações científicas entre Portugal e a Grã-Bretanha*. Lisboa : Academia das Ciências, 1943, p. 42-43.

9 O autor do *Elogio* conhecia a correspondência de Sir Joseph Banks, Presidente da RSL (1778-1820), para o jesuíta português, patenteando-lhe respeito científico e insistindo em convidá-lo para Londres. Daí a supor que tivesse sido membro da Sociedade, ia um passo... que deu.

A suposição pareceria legítima perante o verdadeiro “assédio” epistolar que lhe fez Sir Joseph Banks, Presidente da Sociedade, mas foi o próprio Loureiro que se encarregou de a desmentir, já no final da sua estadia oriental: é sabido que enviou de Cantão para Londres um manuscrito, intitulado *Nova genera plantarum*<sup>10</sup>, com o desejo de que aí se revisse e imprimisse, e se ornasse com uma dedicatória à RSL<sup>11</sup>. Ora, pela própria carta da remessa, acompanhada de plantas secas para serem desenhadas e devidamente gravadas as estampas, parece evidente que Loureiro não era sócio, embora o desejasse: “...me ofereço para servir e obedecer a dita respeitável Sociedade (...) quando tenha a honra e fortuna de ser admitido por seu associado”. Depois de regressar a Lisboa, João de Loureiro foi declinando sempre os convites de Sir Joseph para se deslocar a Londres, por se sentir no “último quartel da vida e querer morrer na Pátria”<sup>12</sup>, perdendo, porventura, com esta atitude a oportunidade de se tornar mais um *Fellow* português da RSL.

A precipitada presunção de que tivesse sido eleito sócio “à revelia” (porém, sem obra publicada ainda), arrastou outra, plasmada logo na *Ilustração* de 1846 e sucessivamente copiada sem crítica: “A Sociedade Real de Londres (...) também se aproveitou dos trabalhos deste ilustre botânico, publicando nas suas Memórias alguns deles”. Ora, de tais trabalhos, nem traço...<sup>13</sup>

---

10 Sabe-se que, via Thomas Riddel, esse original chegou às mãos de Banks, em 1872, mas não se publicou.

11 Ver a *Carta ao Sr. Perry*, transcr. no *Elogio histórico*, doc. III, p. 29.

12 Testemunho de Correa da Serra transcr. no *Elogio histórico*, doc. I, p. 24-25.

13 Se por *Memórias* o autor se quer referir às *Philosophical Transactions*, nada conseguimos localizar, como já Rómulo de Carvalho não tinha conseguido. Apenas aparece a inclusão da *Flora Cochinchinensis* (edição de Lisboa, 1790) na oferta de livros científicos portugueses feita pela Academia Real das Ciências de Lisboa à RSL, em novembro de 1807 (cf. notícia em “*Philosophical transactions of the Royal Society of London*”. Vol. 98 (1808) p. 372). Também de balde procurámos nos *Abstracts of the papers printed in the Philosophical Transactions...* e nos *Proceedings*, que aliás só se começam a publicar, quando as observações de Loureiro já não eram novidade na comunidade científica.

Concluimos sobre o padre João de Loureiro com esta apreciação do Professor Joaquim Fernandes, com a qual concordamos totalmente: “... a sua curiosidade alastrou a outras atividades científicas como a matemática, a astronomia e a medicina. Trata-se de uma das figuras de topo da história da ciência feita em português, que exige um estudo biobibliográfico minimamente exaustivo que esclareça o destino do seu espólio literário e botânico, integrado por espécies, estampas e manuscritos científicos inéditos”<sup>14</sup>.

\*

Sobre Leonis de Pina de Mendonça ( ? -1678)<sup>15</sup>, ainda menos se consegue dizer, tanto o próprio se apagou, destruindo boa parte da sua obra, como sugere Barbosa Machado. Aliás Barbosa é dos poucos que diz alguma coisa sobre este matemático e é nele que os vindouros foram beber a sua alegada afiliação na RSL. Não sabemos onde Barbosa recolheu a informação. Certo é que o matemático não figura nas listas de sócios, como já bem tinha notado Rómulo de Carvalho<sup>16</sup>.

A única obra impressa que se lhe conhece<sup>17</sup> distingue-o com os títulos de Cavaleiro da Ordem de Cristo e de Familiar do Santo Ofício. O que se confirma pelos processos conservados na Torre do Tombo. D. João IV também lhe tinha concedido o hábito de S. Bento de Avis, com 20 mil reis de pensão. Pouco mais se consegue apurar da sua biografia: foi Procurador da cidade da Guarda (onde nasceu) nas

---

14 Com efeito, na Academia das Ciências devem conservar-se muitos manuscritos originais seus em papel chinês, incluindo um dicionário anamita-português, inéditos, existindo outros originais em Londres e parte dos exemplares do seu herbário no Museu Nacional de História Natural, em Paris, levados da Ajuda (Lisboa) por Saint Hilaire, em 1808.

15 E não: “e Mendonça”, como escrevem Barbosa, Inocêncio, Stockler, H. Amorim Ferreira e Rómulo de Carvalho.

16 Rómulo de Carvalho – Leonis de Pina e Mendonça, matemático português do século XVII?. “Ocidente”, Lisboa, vol. 61 (1964), p. 171.

17 *Amuleto d’ alma, composto dos antidotos e epithemas, que os Sanctos Doctores e outros pios e doutos varoens recitaram ao contagio dos vicios...* Em Lisboa : na Officina de Joam da Costa, 1670.

Cortes de 1643, de 1645 e de 1669, esteve envolvido na fortificação da cidade durante as guerras da Restauração e morreu na sua Quinta do Pombo, junto à cidade. Perdidas as obras que Barbosa refere que escreveu sobre música, aritmética e geometria, além da poesia em português e castelhano, não nos cabe duvidar do seu merecimento, o que, todavia, faz Rómulo de Carvalho, não o considerando um matemático. Do seu pendor religioso resta o impresso *Amuleto d'alma*, de que existe um exemplar (único?) na Biblioteca Nacional de Portugal.

\*

Finalmente, apresentamos a ficha do “verdadeiro” 26º sócio português:

**Gaspar de Meres de Sousa (ca. 1640- ?)**

Matemático, cosmógrafo e geógrafo.

Eleito membro da Royal Society em 18 de novembro de 1669.

Foi um dos primeiros *Fellows* portugueses e o primeiro cientista. Natural de Lisboa, tinha o mesmo nome do pai<sup>18</sup> e do avô, um flamengo natural de Antuérpia (antes de 1570-1639<sup>19</sup>), que imigrou para o Brasil e foi senhor do engenho de Marapatagibe, perto do Cabo de Santo Agostinho. Negociante de açúcar durante mais de vinte anos em Pernambuco e suspeito de enganar o fisco, procurou redimir-se perante o Governador Geral D. Luís de Sousa traduzindo informação náutica holandesa e desenhando uma carta do Estreito

18 É certo pela inquirição de 12 de julho de 1662 que o pai e o avô tinham o mesmo nome. Maria de Lurdes Rodrigues supõe que o professor de Coimbra seria filho do senhor do engenho brasileiro, o que não é razoável, porque suporia que aquele tivesse sido pai lá pelos seus 70 anos ou mais. Parece-nos mais normal que depois do “abandono” do engenho de Marapatagibe (constatado o abandono pelo governo do Conde de Nassau, foi a propriedade confiscada e vendida pela WIC a Miguel van Merenberg e Martins de Coutre, em 24 de novembro de 1637) o pai (? –antes de 1663) tivesse vindo para Lisboa. Provavelmente muito novo, porque na mesma inquirição diz-se que é daí natural. Foi casado com D. Serafina de Sousa.

19 Cf. Maria de Lourdes Neves Baptista Rodrigues - *Engenho Matapagipe / Cabo de Santo Agostinho* [em linha]. 21/01/2014. <http://engenhosdepernambuco.blogspot.com.br/2014/01/engenho-matapagipecabo-de-santo.html>. Acedido em 4 jul. 2014.

de Magalhães<sup>20</sup>, em 1617. Será coincidência o neto ter-se vindo a o interessar por geografia e cosmografia?

Na documentação universitária, é sempre mencionado como Gaspar de Meri ou de Mere e assim citado por Leitão Ferreira. Só aparece matriculado em Cânones em 1661 e 1662, mas uma certidão de setembro de 1662 diz que lhe foram levados em conta os “oito anos que tinha cursado”, pelo que já teria concluído a sua formatura. De 25 de janeiro ao fim de julho de 1662, foi condutário de Matemática na Universidade. Apesar de lhe terem sido dados privilégios de Lente, pode nunca ter lecionado substituições, pois o Lente era Fr. João Torriano, que parece não faltaria aos seus deveres.

Talvez porque se aborrecesse com esta situação em Coimbra, enveredou por uma carreira judiciária: foi nomeado, em 7 de setembro de 1663, Juiz de Fora de Santarém, depois Provedor de Portalegre e seguidamente de Lamego. Foi nomeado, em 10 de junho de 1681, Corregedor do Cível de Lisboa.

Além da matemática e do direito, certamente cultivava muitos outros interesses, porque integrou a *Academia dos Generosos*, pelo menos desde o ano de 1656<sup>21</sup>. No de 1660/61, proferiu lições de Geografia<sup>22</sup> na *Academia*, mudada para a *nova Aula* em casa de D. António Álvares da Cunha (outro *Fellow* da RSL), e ainda lá ajuizava em 1663, assinando Gaspar de Meri<sup>23</sup>, o *Académico Esquecido*. No final da década de sessenta, deve ter passado a assinar-se “de Meres” ou

---

20 Max Justo Guedes – *Um roteiro apócrifo do Estreito de Magalhães: tentativa de identificação de autoria*. Coimbra: [UC], 1970. Sep. de: “Rev. da Univ. de Coimbra”, 24.

21 [Participação de Luís Serrão Pimentel numa junta de matemáticos para analisar a proposta de Thomé da Fonseca sobre a navegação Leste-Oeste]. [1656, mar. 18. Lisboa – Arquivo Histórico Ultramarino, Índia, Papeis avulsos, 1656, capilha de 3 de Abril de 1656]. Transcr. integral em Rita Cortês de Matos – *António de Mariz Carneiro, Cosmógrafo-mor de Portugal*. Lisboa: Faculdade de Letras da UL, 2002. Dissertação de Mestrado.

22 Else Maria Henny Vonk Matias – *As Academias literárias portuguesas dos séculos XVII e XVIII*. Lisboa: Universidade de Lisboa, 1988. Tese de Doutoramento, p.33.

23 [Documento de registo da atribuição de prémios na Academia]. BNP Ms. 3181., f. 340 e 341.

“de Merez” (mais próximo do flamengo Demers?), já que é com este nome que se apresenta na RSL, e só tal nome lhe poderiam deturpar para “de Meireles”, como acontece na carta de nomeação para Provedor de Lamego, em 9 de outubro de 1672. Também terá adotado definitivamente o apelido “de Sousa” da mãe, Serafina de Sousa.

Na *Academia dos Generosos*, D. Francisco Manuel de Melo descreveu-o a certa altura como “diligentíssimo, modestíssimo e observantíssimo catedrático”<sup>24</sup>, enaltecendo-lhe, em discurso barroco, os dotes de geógrafo, na esteira de Ptolomeu e de Estrabão.

### Bibliografia sobre Gaspar de Meres (de Sousa)

Ferreira, Francisco Leitão - *Alphabeto dos lentes da insigne Universidade de Coimbra desde 1537 em diante*. Coimbra : Por Ordem da Universidade, 1937.

Guedes, Max Justo – *Um roteiro apócrifo do Estreito de Magalhães : tentativa de identificação de autoria*. Coimbra : [UC], 1970. Sep. de : “Rev. da Univ. de Coimbra”, 24.

Matias, Else Maria Henny Vonk – *As Academias literárias portuguesas dos séculos XVII e XVIII*. Lisboa : UL, 1988. Tese de Doutoram.

Rodrigues, Maria de Lourdes Neves Baptista - *Engenho Matapagipe/Cabo de Santo Agostinho* [em linha]. 21/01/2014. <http://engenhosdepernambuco.blogspot.pt/2014/01/engenho-matapagipe-cabo-de-santo.html> (Consult. 4 jul. 2014)

Santos, Clarinda Maria Rocha dos – *O Académico Ambicioso : D. António Álvares da Cunha e o aparecimento das academias em Portugal*. Porto : FLUC, 2012. Tese de Doutoram. em Literaturas e Culturas Românicas. P. 42, 57, 58 e 72. Disponível em : <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/67277/2/000198699.pdf> (Consult. 7 jul. 2014)

Viterbo, Sousa – *O doutor Gaspar de Mere*. Lisboa : Academia Real das Sciencias de Lisboa, 1910. Sep. de : “Bol. de Segunda Classe”, v. 3, n.º 4 (1909-1910).

\*

E eis quanto se nos afigura dizer para completar o que ficou no Catálogo de 2010, aproveitando para deixar agora muito mais claros os critérios das escolhas que tivemos de fazer. A nível da documentação existente na Biblioteca, também houve que fazer escolhas e

<sup>24</sup> *Ostentação Encomiástica*, incluída nas *Obras metricas de Don Francisco Manuel...* En Leon de Francia : Por Horacio Boessat e George Remeus, 1665, p. 261. E, noutro local, chama “tocha” a Meri (*id.*, p. 156).

não pode considerar-se que os curtos textos e as ilustrações escolhidas para aquele catálogo esgotem a matéria disponível: muito mais haveria a apresentar, por exemplo, em relação a Jacob de Castro Sarmento, um benemérito da Universidade e da Biblioteca, ao médico Sachetti Barbosa como colaborador na Reforma pombalina dos manuais de Medicina, Matemática e Física, a Diogo de Mendonça Corte Real (pai), de cuja biblioteca privada (pela desgraça do filho?) temos hoje na Livraria de S. Pedro vários livros adornados com belíssimos *super-libros* heráldicos ou a muitos outros *Fellows* razoavelmente representados na nossa coleção de manuscritos<sup>25</sup>. Não resistimos a terminar este artigo com uma imagem que nos custou não ter incluído no catálogo: o Abade José Francisco Correia da Serra representado – segundo Ernesto Soares – na sua receção, exatamente, na *Royal Society* de Londres.



Pelos seus e pela patria maltratado,  
Vai ser entre os estranhos celebrado!

Est. litograf. em: *Retratos e biografias das personagens illustres de Portugal* (1843) com a legenda “Pelos seus e pela Pátria maltratado, / Vai ser entre os estranhos celebrado!”<sup>26</sup>

25 Por exemplo, António Alvares da Cunha (Ms. 114, Ms. 415, Ms. 705), António Freire de Andrade Encerrabodes (Ms. 1504), Marco António de Azevedo Coutinho (Ms. 509 e duas cartas no final da Misc. n.º 11.753, vol 698) e João Mendes Sacchetti Barbosa (Ms. 3127).

26 Legrand, Charles, fl. ca 1838?-1850 - *J. F. Correa da Serra* [Visual gráfico]. [Lisboa : s.n., 1841] (Lith. de M.el Luiz). 1 gravura : litografia, p&b. Dim.: 7,8x15,7 cm. Soares, E. - Dic. icon., n.º 829 A). Disponível em: <http://purl.pt/4677>.

